

## BANDEIRAS E MÁSCARAS

Manoel de Andrade



Esse é o tempo cruel que antecede o amanhecer.  
Em seu rastro marcham os filhos das estrelas e os herdeiros da penumbra.  
Na moldura das horas as intenções se partem.  
Ali, os justos ensaiam seus passos.  
Acolá, nos becos, os ânimos crepitam  
e engatilham seus gestos.  
Nas ruas as faces empunham bandeiras,  
as máscaras escondem punhais.





Passo a passo, portando consignas e estandartes, a multidão caminha...  
ocupam estradas, bloqueiam rodovias, paralisam cidades,  
avançam no seio da tarde denunciando os charcos do poder e os leilões  
da mais-valia.

É o nosso "Dia de Lutas", gritam os sindicalizados.  
São cinquenta, são cem mil pedindo tarifas justas,  
terras repartidas, quarenta horas semanais...

Faixas, cartazes, coros e gritos:

"Prisão para os corruptos", "Punição para os crimes da ditadura".

"O povo acordou, o povo decidiu, ou para a roubalheira, ou paramos o Brasil".



Eis o espaço do povo,  
eis as ruas virtuais,  
é a nova democracia,  
pelas redes sociais.

Salve moças e rapazes,  
salve as faces descobertas,  
salve as bandeiras e os sonhos,  
erguidos com transparência.



De repente as fronteiras são rompidas,  
sobre as cores da paisagem as máscaras armam seus braços,  
quais abutres insaciáveis atacam os cristais e escarram na decência.

Atrás dos grandes escudos os uniformes avançam.  
Voam coquetéis e pedras, explodem gases, morteiros,  
soam tiros e foguetes entre o fogo e as barricadas.

Salve os agentes da ordem, salve os bons pretorianos.

O verde-oliva e o negro já cruzam suas espadas,  
barras, paus e cassetetes  
e as razões abaladas.

Chegou a tropa de choque nos trajes da truculência.

Surge o gesto inconfessável,  
surge a fraude na vergonha e o flagrante forjado.  
Asco aos falcões do cinismo algemando a inocência.



Eis o palco dos tumultos,  
eis as cinzas da batalha,  
eis o saldo do espanto  
e a multidão dispersada.  
Restou o ato incompleto,  
sem o hino dos professores,  
e sem o eco das promessas

na voz dos governadores.  
Massacraram a primavera  
e a magia da cidade.  
Assustaram os pardais,  
retalharam a liberdade.  
Eis a cultura que herdamos  
a esfolar nossas almas.  
Abatido por tantos golpes,  
o amor é um silêncio  
e as avenidas soluçam,  
qual um salgueiro de lágrimas.



E agora, eis-me aqui, diante da poesia,  
assistindo desabar as velhas torres do encanto...  
Perplexo, que posso ainda?  
sou apenas um olhar melancólico diante da esperança.  
Indignado ante a mística do horror,  
quero transformar em versos os protestos, o confronto, as cicatrizes.  
A realidade é um idioma intraduzível,  
e eu impotente, ante o mistério sinuoso das palavras.  
As palavras, oh! as palavras em sua essência,  
elas não se revelam a qualquer poeta...  
habitam em seu próprio enigma,  
são silentes como os hinos do entardecer...  
Nesse impasse, entre as imagens e o lirismo,

ante a sensibilidade e a violência,  
sei de um roseiral em flor no caminho dos meus passos,  
alhures há um campo de espigas que cantam, balançando ao vento  
e, nesta palmeira esbelta, a vida é reproclamada nos trinos de um ninho em  
festa.

